

SÁNCHEZ REI, Xosé Manuel (2022²): *O portugués esquecido: O galego e os dialectos portugueses setentrionais*. Santiago de Compostela: Laiovento, 619 pp.

1. Introdução e descrição da obra

Foi publicado recentemente, com duas edições no curto espaço de um ano, um importante contributo para o estudo histórico e geolinguístico da faixa ocidental da Península Ibérica. Trata da relação entre o galego e o *português esquecido* —i.e. os dialetos do norte de Portugal—, com o objetivo de mostrar o *continuum* linguístico que de certo modo existe entre ambas as áreas e, mais do que isso, como traços que são considerados, em Portugal, simultaneamente dialetais e nortenhos estão abundantemente representados no sistema linguístico galego. Ou seja, como a oposição entre galego e português encontra um grau intermédio num conjunto de dialetos «esquecidos» pela norma-padrão portuguesa:

Durante séculos, a oralidade popular das rexións setentrionais de Portugal conservou trazos fonéticos, gramaticais e lexicais que corresponden, na actualidade, a características diferenciadoras do galego a respecto do padrón lusitano. Os gramáticos, lexicógrafos e tratadistas da metrópole lisboeta combateron enerxicamente xa desde os inicios da tradición gramatical portuguesa no século XVI. Mais a maioría delas, por motivos culturais, históricos, sociolóxicos etc. conseguiu sobrevivir até aos anos finais do século XIX ou primordios da seguinte centuria e, nalgúns casos, inclusive se mantiveron na nosa época. [Publica-se] este estudo que aprofunda neses elementos lingüísticos considerados hoxe marcadamente galegos, e, até non hai moito tempo, tamén idiosincráticos da lingua oral dialectal do Minho e de Trás-os-Montes. (Sánchez Rei 2022: contracapa).

São vários os ângulos em que este tema deve ser tratado e, com exceção do quase virgem plano do estudo dialetológico de materiais primários antigos (i.e. documentos anteriores ao séc. XIX, quando, com o despontar da linguística científica, começam a ser publicados *corpora* dialetais), a obra não deixa de incluir todos os mais relevantes. A saber:

– Relações culturais entre Galiza e norte de Portugal, de que se ocupa o capítulo «1. Fronteiras políticas, lingüísticas, socioculturais e dialectoloxía» (pp. 27-72).

– Testemunhos dos especialistas pré-linguística científica, ou seja, informação mais ou menos indireta sobre dialetos portugueses e galegos constante das gramáticas, dicionários e afins publicados nos sécs. XVI-XIX. Encontramo-la sistematizada no cap. «2. Os estudos de dialectoloxía galego-portuguesa desde o século XVI até aos inicios do século XX» (pp. 73-211).

– Ponto da situação no final do séc. XIX / início do séc. XX, no que concerne tanto às visões de sistema, mais especificamente a forma como o galego é entendido pelos primeiros linguistas (se se trata de uma língua ou de um dialeto, etc.), como à descrição dialetológica a partir de dados primários recolhidos com métodos propriamente científicos. O autor procede a esta descrição com recurso, fundamentalmente, ao extenso conjunto de dados recolhido por José Leite de Vasconcelos (n. 1858 – m. 1941) ao longo da sua prolíficíssima vida científica. É também no cap. 2 que estes assuntos são tratados.

– Análise detalhada e atualizada dos fenómenos lingüísticos mais relevantes para o estudo do nexo Galiza-norte de Portugal, distribuída pelos capítulos «3. Cuestións fonéticas e fonolóxicas» (pp. 213-278), «4. Cuestións morfosintácticas» (pp. 279-423) e «5. Cuestións semántico-lexicais» (pp. 425-549). O autor apoia-se sobretudo no referido *corpus* de Leite de Vasconcelos, em cancioneros e romanceiros populares e em estudos de caso mais recentes.

Paralelamente, a obra não deixa de abordar os pontos transversais mais relevantes, como alguns conceitos essenciais de linguística, sociolinguística e dialetologia (cap. 1) ou a vida e obra de Leite de Vasconcelos (cap. 2).

Fora dos capítulos mencionados, que constituem o núcleo do livro, temos: uma muito útil secção de «Abreviaturas non literarias» (pp. 11-13) utilizadas tanto pelo autor como por outros autores por si cita-

dos; um «Limiar» (pp. 15-23) onde é explicada a natureza da obra, é descrita a sua estrutura e são referidos os materiais utilizados; uma «Nota á segunda edición» (p. 25) em que é indicado que as únicas alterações introduzidas na presente edição dizem respeito à correção de «pequenos erros de que puidemos ter noticia», conservando-se «os mesmos capítulos e contidos» da primeira edição; e, no fim, o capítulo «6. Conclusións» (pp. 551-566), que resume os principais pontos tratados no livro, a secção de «Bibliografía» (pp. 567-616) e o «Índice» (pp. 617-619). O texto está integralmente escrito em galego, com a natural exceção de citações de textos originalmente escritos em outras línguas.

O plano da obra faz jus, portanto, ao tema tratado, e por isso temos aqui um estudo de fôlego, ambicioso, sobre assuntos que, não sendo propriamente novos, necessitam de trabalhos novos; sobretudo trabalhos que, como é o caso, apostem mais na documentação e descrição pormenorizada da fenomenologia linguística relevante do que na extração de conclusões a partir de informação já conhecida. Outros aspetos positivos que merecem destaque neste estudo são o conservadorismo na citação de dados dialetais (são mantidas a ortografia, a pontuação e a informação afim das obras originais; cf. pp. 19-20) e a pouca frequência de gralhas ou pequenos erros formais (que sobe, porém, na secção de bibliografia).

2. Discussão de pontos críticos

Apesar de a obra em apreço ser, por tudo o que vimos, uma referência inevitável para quem se ocupe do estudo da relação entre galego e português, a sua utilidade é prejudicada por três aspetos fundamentais que o leitor informado não deixa de identificar. Passamos a vê-los sucintamente.

a) Insuficiente sistematização dos materiais —Este é um trabalho com abundante informação dialetológica, com muitos fenómenos linguísticos tratados para muitas localidades de várias regiões, mas não tem nenhum mapa e praticamente não tem tabelas ou outros esquemas que ajudem o leitor a estabelecer os necessários nexos entre fenómenos, áreas e informantes. O problema é especialmente visível nos capítulos 3, 4 e 5, que se ocupam da análise miúda dos fenómenos linguísticos caracterizadores do galego e do português setentrional, mas também se faz sentir no resto da obra. Aproveitariam à exposição do cap. 1, por exemplo, mapas gerais sobre a Galiza e Portugal, e fazem falta no cap. 2 mapas e esquemas dos diferentes fenómenos documentados, por vezes de forma muito opaca, pelos linguistas dos sécs. XVI-XVIII.

Mais difícil de exigir, mas não menos útil, seria um índice de assuntos, amplamente justificado pela grande quantidade de informação tratada no livro.

b) Carência de uma abordagem comparativa —Como se pode pôr em relação as áreas geolinguísticas do noroeste peninsular (i.e. a metade superior da faixa linguística do ocidente ibérico) e, com isso, caracterizar o português *esquecido pelo sul* sem incluir na equação, precisamente, os dialetos centro-meridionais? As regiões linguísticas definem-se por relações e, até certo ponto, por contrastes; mas os dialetos do centro-sul português, onde a norma-padrão se apoia desde o final da Idade Média, praticamente não são analisados na obra. Com isso, a análise do português setentrional, que procura provar a estreita relação entre Galiza e norte de Portugal, fica crucialmente incompleta: só sabemos que um traço é nortenho se ele não existir (ou existir menos) no sul; e só sabemos se ele existe no sul se os dialetos dessa região forem, numa medida razoável, incorporados na análise.⁴

Por outro lado, sabe-se há muito que os dialetos setentrionais não formam um bloco único: existem, do ponto de vista macro, um noroeste e um norte interior, como o próprio Leite de Vasconcelos, entre tantos outros dialetólogos, defendia (e.g. Vasconcelos 1893, 1901, 1929; Boléo / Silva 1962; Cintra 1971). A obra em apreço não procede, porém, à necessária distinção entre ambas as regiões, tratando-as

4. Asserções como as seguintes excedem, portanto, as possibilidades da obra em apreço: p. 433, referência a «provincianismos ou rexionalismos» que «non costumam ser escoitados para alén desas variedades minhotas e transmontanas»; p. 563, «tamén en Portugal se pode atestar a presenza de españolismos lexicais na lingua oral das comarcas minhotas e transmontanas, elementos escasa ou nulamente documentábeis nas restantes provincias portuguesas»; etc.

como o corpo homogéneo que não são. Um erro semelhante, embora em menor escala, é cometido no caso do galego. Haveria, portanto, que distinguir regiões dentro da Galiza e do norte português e traduzir essas distinções na análise, nomeadamente no estabelecimento de nexos tipológicos. Por exemplo, que traços separam o noroeste do norte interior nos materiais de Leite de Vasconcelos? Existe alguma região do norte que se identifique especialmente com a Galiza, e vice-versa?

c) Insuficiente bibliografia —A amplitude de assuntos tratados pelo autor é grande, o que conduz a naturais omissões bibliográficas. Algumas, porém, são difíceis de compreender, sobretudo as respeitantes aos dialetos portugueses e à vida e obra de Leite de Vasconcelos, que não podem deixar de limitar a validade da informação veiculada sobre o sistema dialetal português.

Este é um trabalho largamente apoiado no legado de Leite de Vasconcelos: o *corpus* por ele recolhido forma o núcleo dos materiais linguísticos utilizados e as suas ideias são analisadas ao pormenor, com destaque para o ainda hoje pouco pacífico problema da posição tipológica do galego na família ibero-românica (e.g. subcapítulo «2.4. José Leite de Vasconcelos e o galego», pp. 195-211). Seria necessário, portanto, utilizar as recentes edições da correspondência privada entre Leite de Vasconcelos e outros linguistas do seu tempo,⁵ que são ignoradas na obra. A importância de testemunhos desse tipo sobre aquele assunto é incontornável, como o próprio autor sabe (pp. 209-210):

Ao mesmo tempo, caso nos guiásemos polo testemuño dalgúns eruditos da altura, parece que [Leite] tiña a vontade de dedicar ao galego máis un pouco de estudo. Em 1888, Andrés Martínez Salazar [...], na publicación *Galicia. Revista Regional* daba información dos proxectos que Leite de Vasconcelos tiña pensado desenvolver nessa dirección:

A mi regreso por Porto hize notar estas ideas y otras singularidades al sabio etnógrafo y admirador de Galicia Sr. Leite de Vasconcelos, quien me dijo que había recogido interesante y copioso caudal de materiales para hacer un estudio serio del idioma gallego y de los subdialectos, sin excluir, de estos últimos, el berciano, y que muchos de aquellos se los suministrara la obra del Sr. La Iglesia, *El idioma gallego* [...]; datos y noticias que el ilustre filólogo portugués se propone comprobar en su próximo viaje á este antiguo reino.

A importância do carteamo de Leite é incontornável, aliás, para o estudo de qualquer aspeto da sua obra, como o autor também sabe: «Polos exemplos que serán expostos máis abaixo, sería interesante podermos coñecer que impresión íntima causaría a unha persoa de formación universitaria coma el ese manancial vocabular de orixe camponesa» (p. 425). Não há, para procurarmos as impressões íntimas de Leite de Vasconcelos, muitos mais recursos do que a sua correspondência com colegas.

Apesar de este ser um trabalho sobre o português do norte, falta a referência a obras recentes que analisaram, sistematizaram e interpretaram os dialetos dessa região, sobretudo Brissos (2018) e Brissos (2020), que se baseiam nos dados do *Atlas Acústico do Vocabulário Tónico Português (AVOC)* e do *Atlas Linguístico-Etnográfico de Portugal e da Galiza (ALEPG)*; o projeto de atlas linguístico português).⁶ Brissos (2018)

5. Vejam-se referências na página *web* do projeto do Centro de Linguística da Universidade de Lisboa (CLUL) que tutela essas edições: <<https://www.clul.ulisboa.pt/projeto/edicao-de-obras-de-leite-de-vasconcelos>>. O coordenador do projeto é Ivo Castro, o principal especialista sobre a vida e a obra de Leite de Vasconcelos (cf. e.g. Castro 2019), embora nenhum dos seus trabalhos sobre o tema seja utilizado na obra em análise.

6. Torna-se, portanto, muito imprecisa a afirmação de que «o grau de conhecimento sobre a situação dialectal do português durante o século xx non decorrería en paralelo coa relevancia que tem como vehículo de comunicación internacional, pois, segundo algúns traballos actuais [...], o país veciño é o que conta cunha descrición dialectal máis precaria de todos os que enforman o mundo románico. Case 150 anos após o aparecemento da dialectoloxía como disciplina filolóxica, Portugal non dispón aínda dun atlas linguístico que abranxa todo o territorio, como se verifica noutras nacións veciñas, entre elas a Galiza» (p. 165). Os inquéritos do *ALEPG*, que abrangem todo o território português e as zonas mais relevantes da fronteira espanhola, foram concluídos em 2004, as respostas ao questionário utilizado (c. 2000 ou c. 3000 perguntas, consoante os locais) estão, com a exceção de alguns pontos situados em território espanhol, totalmente transcritas e toda a informação está sistematizada numa base de dados informática que se en-

reformula, para o noroeste do país, a classificação dialetal de Cintra (1971) (a classificação dos dialetos portugueses utilizada de forma praticamente unânime pelos especialistas e pela primeira vez reformulada, mesmo que apenas no tocante a uma parte do país, neste estudo); Brissos (2020) procede à caracterização dos sistemas vocais tónicos do norte e do centro-sul de Portugal, numa perspetiva comparativa que traz consigo nexos linguísticos extremamente úteis para a obra em apreço (como, por exemplo, a noção de que o norte interior estabelece uma transição com o centro do país, formando o sul e o noroeste os picos do relevo dialetal português; ou a própria identificação das principais tendências fonológicas dessas regiões, etc.).

Outra omissão bibliográfica surpreendente é Florêncio (2006), onde são sistematizados os ainda inéditos materiais linguísticos de Leite de Vasconcelos a respeito de parte significativa do sul de Portugal (a antiga província do Alentejo). Materiais que, de resto, está previsto serem utilizados num novo volume dos *Opúsculos*, coletânea cujos volumes relativos ao norte e ao centro de Portugal o autor naturalmente utiliza. Em Florêncio (2006: 36-37) podemos ver, por exemplo, que a realização média-aberta ou aberta das vogais médias nasais, que é dada na obra em análise como traço setentrional (p. 237), também existe no sul do país.

Alguns estudos de caso estão igualmente em falta, como Pereira (2020), que permitiria evitar o erro de perspetiva de considerar a variante alveolar da vibrante múltipla «como un trazo conservador dos falares setentrionais» (p. 259); trata-se na verdade, como Pereira mostra, de um traço conservador da maior parte do país, sul incluído, onde tem plena existência. A referência a todos os estudos de caso em falta na obra excede, porém, o âmbito da presente recensão.

3. Conclusão

Aquilo que, a partir da posição fácil do leitor, entendemos serem lacunas na obra objeto de recensão não impede que a utilizemos com proveito. Esperamos, aliás, uma terceira edição em que essas lacunas estejam corrigidas e as virtudes antes referidas estejam exponenciadas, para o que sinceramente encorajamos o autor. A importância do tema compensará o trabalho adicional.

Por outro lado, a análise de questões mais circunscritas ou de fenómenos linguísticos específicos não cabe nos limites da presente recensão e ficará para outro momento; são, felizmente, muitos os fenómenos tratados no *O português esquecido*, o que constitui, no nosso entender, o seu principal *plus*.

Fernando BRISSOS
Universidade de Lisboa

Referências citadas

- BOLÉO, Manuel de Paiva / SILVA, Maria Helena Santos (1962): «O “Mapa dos Dialectos e Falares de Portugal Continental”», *Boletim de Filologia*, XX, pp. 85-112. Reed. em BOLÉO, Manuel de Paiva (1974): *Estudos de linguística portuguesa e românica*, vol. I — *Dialectologia e história da língua*, t. I. Coimbra: Universidade de Coimbra, pp. 309-352.
- BRISSOS, Fernando (2018): «Proposta de reformulação da classificação dialetal do noroeste português», *Estudos de Linguística Galega*, vol. especial I, pp. 193-208. Disponível também *online* em <<https://revistas.usc.gal/index.php/elg/article/view/3560>>. [Consulta: 31/05/2023.]
- BRISSOS, Fernando (2020): «Sistemas vocálicos tónicos portugueses do norte e do centro-sul: descrição acústica e tendências dialetais», *Zeitschrift für romanische Philologie*, 136(1), pp. 161-227.

contra disponível para consulta ao público no CLUL, tal como a totalidade das gravações dos inquéritos. Os dados estão, na sua maioria, inéditos, mas têm sido utilizados em estudos de vária índole: cf. Brissos (2022: 119-124).

- BRISSOS, Fernando (2022): «Passado, presente e futuro da geografia linguística em Portugal», em MOLINA MARTOS, Isabel / GARCÍA MOUTON, Pilar (eds.): *Geolingüística en la Península Ibérica*. Anejos de la Revista de Filología Española. Madrid: CSIC, pp. 113-136.
- CASTRO, Ivo (2019): *O Legado de Leite de Vasconcelos na Universidade de Lisboa*. Lisboa: Imprensa Nacional.
- CINTRA, Luís F. Lindley (1971): «Nova proposta de classificação dos dialectos galego-portugueses», *Boletim de Filologia*, XXII, pp. 81-116. Reed. em CINTRA, Luís F. Lindley (1983): *Estudos de dialectologia portuguesa*. Lisboa: Sá da Costa, pp. 117-163.
- FLORÊNCIO, Manuela (2005²): *Dialecto alentejano: Contributos para o seu estudo*. Lisboa: Colibri.
- PEREIRA, Rodrigo (2020): *O R-forte em Português Europeu: Análise fonológica de dados dialetais*. Dissertação de mestrado apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, disponível em <<https://repositorio.ul.pt/handle/10451/44396>>.
- VASCONCELOS, José Leite de (1893): «Carta Dialectologica do Continente Português», em FERREIRA-DEUSDADO, Manuel A., *Chorographia de Portugal*. Lisboa: Guillard, Aillaud & C.ia. Separata em 1897: *Mappa Dialectologica do Continente Português (Precedido de uma Classificação Summaria das Linguas por A. R. Gonçalves Vianna)*. Lisboa: Guillard, Aillaud & C.ia. Reed. em 1929: cf. referência adiante.
- VASCONCELOS, José Leite de (1901): *Esquisse d'une dialectologie portugaise*. Dissertação de doutoramento apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Paris. Paris: Aillaud. (2.^a edição com aditamentos e correções do autor, preparada, com base no exemplar conservado no Museu Etnológico «Dr. Leite de Vasconcellos», por Maria Adelaide Valle CINTRA, 1970, Lisboa: Centro de Estudos Filológicos.)
- VASCONCELOS, José Leite de (1929): «Mapa dialectológico do Continente português», em *Opúsculos*, vol. IV – *Filologia (Parte II)*. Coimbra: Imprensa da Universidade, pp. 791-796. (Reedição de Vasconcelos 1893-1897.)

SIMBOR ROIG, Vicent (2022): *La nació literària de Joan Fuster*. València: Universitat de València, 195 p.

Aquest llibre és el núm. 26 de la col·lecció «Càtedra Joan Fuster», que en el moment d'escriure la present ressenya ja va pel núm. 29. Gairebé una trentena de volums, doncs, sota el segell de l'acadèmicament solvent càtedra que dona nom a la col·lecció, en què la vida i sobretot l'obra de Fuster és estudiada des de perspectives i metodologies diverses, que donen compte de la qualitat i la riquesa de la producció de l'autor de Sueca.

Deu anys enrere Simbor ja havia publicat un dels volums d'aquesta sèrie: *Joan Fuster: el projecte de normalització del circuit literari*, i ara ens n'ofereix un altre que té una estreta relació amb aquell: *La nació literària de Joan Fuster*.

L'obra s'estructura en dues parts: «Naixement de les nacions i de les literatures nacionals» i «La nació literària catalana segons Joan Fuster», cadascuna de les quals ocupa la meitat de les pàgines del llibre, a banda d'un epíleg i la corresponent bibliografia. La segona part és la que conté, doncs, l'estudi que anuncia el títol del volum, i que Simbor insisteix a precisar dins «Uns mots preliminars»: «Resumit a l'extrem, el llibre és l'estudi del paper atorgat —i que ells mateixos, en molts casos, s'adjudiquen— als escriptors catalans, vull dir que escriuen en català, en el procés de reivindicació nacional encetat en el segle XIX, com arreu d'Europa, a partir de l'anàlisi fusteriana» (p. 15).

Havent de tractar conceptes ben problemàtics com els de «nació» i «literatura nacional», Simbor ha volgut precedir el seu estudi, ben oportunament, d'una introducció històrica i teòrica per contextualitzar-los dins l'àmbit de les lletres europees abans d'analitzar la seva presència en el pensament literari fusterià —bo i precisant que no pretén «endinsar-se “críticament”, “políticament”, en l'anàlisi del con-